

Hospitalidade eucarística: uma visão ecumênica da Santa Ceia

Eucharistic Hospitality: an Ecumenical Vision of the Holy Supper

Claudio de Oliveira Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Resumo

O texto apresenta resultados de pesquisa realizada sobre o tema da hospitalidade eucarística, a partir da descrição do conhecido Documento ecumênico *Batismo, Eucaristia e Ministério*, do Conselho Mundial de Igrejas, acolhido no Brasil pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC. A análise realça a Santa Ceia como espaço de comunhão dos fiéis que abarca dos pontos de vista teológico e pastoral todos os espaços da vida e é fonte de questionamento a todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de ausência de liberdade, uma vez que, por intermédio da eucaristia, a graça de Deus penetra e restaura a vida humana em sua dignidade. O texto apresenta ainda um conjunto de indicações teológico-pastorais feitas por círculos ecumênicos que consideram que, pelo menos para os grupos que possuem certa experiência de cooperação ecumênica, é uma contradição ainda haver entraves para a comunhão eucarística conjunta.

Abstract

The text presents results of research carried out on the theme of Eucharistic hospitality, from the description of the well-known Ecumenical Document *Baptism, Eucharist and Ministry*, of the World Council of Churches, received in Brazil by the National Council of Christian Churches, CONIC. The analysis highlights Holy Communion as a space of communion for the faithful that encompasses from every theological and pastoral point of view all areas of life and is a source of questioning all forms of injustice, racism, separation and the absence of freedom, since Eucharist, the God's grace penetrates and restores human life in its dignity. The text also presents a set of theological-pastoral indications made by ecumenical circles who consider that, at least for groups that have a certain experience of ecumenical cooperation; it is a contradiction that there are still obstacles to joint Eucharistic communion.

Palavras-chave

Eucaristia.
Prática
Ecumênica.
BEM.

Keywords

Eucharistic.
Ecumenical
practice.
BEM.

Introdução

As reflexões a seguir são resultados de pesquisa realizada sobre a hospitalidade eucarística. Metodologicamente, a análise se centrou na descrição do conhecido Documento ecumênico *Batismo, Eucaristia e Ministério*, do Conselho Mundial de Igrejas, acolhido no Brasil pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, do qual a Igreja Católica Romana é membro, ao lado de igrejas evangélicas e ortodoxas. No entanto, dada a complexidade da temática, consideramos ser de vital importância preceder a descrição central com dois outros elementos que podem cooperar com o alargamento das visões acerca da hospitalidade eucarística.

O primeiro deles é a indicação, intuitiva por suposto, de opções metodológicas para se refletir sobre o tema. Há uma variedade delas e um levantamento das diferentes práticas e compreensões sobre a eucaristia, dentro do quadro intensamente plural das realidades eclesial e religiosa brasileira, para posterior reflexão teológica e pastoral, seria por demais relevante e promissor para o avanço dos estudos ecumênicos. As limitações deste trabalho não nos permitem seguir nesta direção. Todavia, outras possibilidades existem, como por exemplo, refletir a partir dos acordos ecumênicos já existentes entre igrejas cristãs que emolduram a hospitalidade eucarística.

Um segundo aspecto, de certa forma preliminar, mas que precisa estar pressuposto no conjunto da reflexão, são interpelações teológicas ecumênicas para o tema. Como exemplo indicaremos a atenção que se deve dar às diversas expressões usualmente utilizadas nas igrejas para se referir à celebração eucarística, a necessidade de se realçar uma visão teológica global que promova uma interação dos aspectos específicos da comunhão eucarística com o conjunto das questões teológicas, pastorais e missionárias presente no cenário eclesial e a atenção aos desafios para a hospitalidade eucarística oriundos dos diálogos e cooperações inter-religiosas.

O texto apresenta ainda um conjunto de indicações teológico-pastorais feitas por círculos ecumênicos que consideram que, pelo menos para

os grupos que possuem certa experiência de cooperação ecumênica, é uma contradição ainda haver entraves para a comunhão eucarística conjunta.

Opções metodológicas para se refletir sobre a hospitalidade eucarística

Há diferentes formas e caminhos para se refletir ecumenicamente sobre a eucaristia. Uma delas seria fazer uma descrição comparada das variadas compreensões e práticas que caracterizam as diferentes igrejas cristãs, não se esquecendo nesta análise a variedade de igrejas cristãs, em especial as dos ramos pentecostais, as diversidades regionais e continentais e as tensões internas entre a dimensão doutrinária formal e institucional, de um lado, e as experiências concretas e cotidianas, de outro, que nem sempre possuem correspondência. Observar os pontos convergentes dessas diferentes práticas, a maior ou menor abertura para que pessoas não pertencentes à determinada comunidade cristã possam participar da eucaristia, e os respectivos motivos para essa participação ou restrição seriam aspectos que redundariam em substancial material descritivo para oportunas reflexões ecumênicas.

Essa avaliação requereria uma pesquisa de maior duração e com metodologias mais apuradas, pois o quadro de diversidade do cristianismo brasileiro é intenso e crescente, e os dados do Censo Demográfico do IBGE o comprovam, sobretudo em função do declínio numérico do Catolicismo. No caso do contexto brasileiro, uma hipótese que poderia orientar esta suposta pesquisa seria o fato de a maioria das igrejas cristãs terem, do ponto de vista oficial ou das mentalidades hegemônicas que conferem certa oficialidade independentemente do registro em documentos ou instrumentos formais similares, um posicionamento ambíguo no tocante à hospitalidade eucarística.

Esta ambiguidade se revela, por um lado, na abertura presente no contexto eucarístico de cada denominação cristã, sobretudo as igrejas com características mais populares, como as pentecostais e setores do catolicismo, para que as dimensões de festividade, comensalidade e partilha marquem

positivamente as celebrações eucarísticas. Por outro lado, está o caráter restritivo da comunhão eucarística nas igrejas como por exemplo o impedimento das pessoas que contraíram um segundo matrimônio civil, no caso da Igreja Católica e em alguns poucos ramos evangélicos, ou daquelas que desfrutam (ou desfrutaram nos dias que antecederam a celebração) de formas de lazer como bailes, uso de bebida alcoólica e o fumo, em grande parte das igrejas evangélicas.

Outra hipótese, poderia ser, não obstante estas ou outras restrições, a crescente abertura para que pessoas não pertencentes à uma determinada igreja participem de seu momento eucarístico. Isso possivelmente se dá pelo contexto de atenuação da noção de pertença religiosa, quer seja pelo crescente número de “evangélicos não-determinados”, como se referiu o Censo Demográfico do IBGE, quer seja pelo fenômeno de múltipla participação religiosa (ou múltipla pertença, como é mais conhecido).¹ Especialmente nos centros urbanos, são cada vez menores as possibilidades de criação de mecanismos de identificação de pertença religiosa e de controle para que haja restrição aos momentos eucarísticos nas missas católicas ou nos cultos evangélicos. É fato que há o fator ideológico de restrição propagado nas mensagens religiosas públicas diretas ou subliminares aos participantes desses eventos eclesiais. Tal dubiedade reforça a tese da necessidade de pesquisas mais apuradas sobre as práticas eucarísticas das igrejas.

Outra possibilidade de se refletir ecumenicamente sobre a eucaristia é analisar os acordos entre as igrejas cristãs no tocante ao significado teológico e a participação conjunta. Há um longo e profícuo caminho trilhado no campo ecumênico desde o período anterior ao de constituição e formação do Conselho Mundial de Igrejas, na primeira metade do século 20, especialmente os esforços dos grupos e articulações ligadas à histórica Comissão de Fé e Ordem (ou Fé e Constituição, como também é conhecida). Esses esforços estão associados a conversações ecumênicas bi ou multilaterais, boa parte delas tendo a participação da Igreja Católica Romana.

¹ Para um debate mais aprofundado da temática da pertença religiosa, veja a obra *Religião, Múltipla pertença e Diálogo* (2019), organizada por Claudio de Oliveira Ribeiro e Angélica Tostes.

Refletir sobre hospitalidade eucarística a partir de documentos ecumênicos que traduzem acordos e compreensões comuns tem vantagens e desvantagens. Entre as vantagens é bem nítido que tais acordos revelam bases teológicas e pastorais significativas para a reflexão ecumênica e foram formulados a partir de análises das dimensões práticas e concretas das igrejas envolvidas. Questões relacionadas às distintas compreensões sobre a eucaristia e as históricas expressões como transubstanciação, consubstanciação, presença real, presença simbólica, presença espiritual de Cristo são tratadas e razoavelmente equacionadas.² Em geral, são posicionamentos densos, bem fundamentados, cujos registros permitem que os diferentes grupos envolvidos possam referenciar suas práticas, repensar os seus caminhos e contribuir com novos enfoques e questões.

Entre as desvantagens, está o fato do distanciamento entre o que está acordado nos documentos e nas respectivas visões ecumênicas oficiais e a prática das igrejas nas bases. Além disso, para esses textos refletirem os acordos, eles priorizam certos consensos que, para serem conseguidos se nivelem “por baixo” as discussões e debates, ou seja, os documentos sempre dizem menos do que deveriam dizer e propõem menos do que seria possível propor. Ao mesmo tempo que representam o possível dentro dos contextos que marcam as Igrejas, de fato, refletem pouca densidade profética. Outra desvantagem é que os acordos ecumênicos formais, sobretudo no Brasil, são estabelecidos por um número pequeno de igrejas em relação ao conjunto das denominações cristãs.

Pressuposições teológico-pastorais importantes para as reflexões sobre a eucaristia

Uma abordagem ecumênica sobre as diversas formas de reunião eclesial, de celebração eucarística e de comunhão deve levar em conta as variadas expressões, historicamente empregadas, para se referir à refeição litúrgica que a Igreja realiza, cada qual com sua origem e desenvolvimento

² Para uma síntese, vejam o verbete “Eucaristia”, de Silfredo B. Dalferth no *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 399-403.

peculiares: Partir do pão, Eucaristia, Mesa do Senhor, Sacramento, Comunhão, Santa Ceia, Ceia do Senhor, Missa, entre outros. Com exceção desse último termo, todos são utilizados pelas igrejas evangélicas brasileiras, em maior ou menor grau, sendo o mais comum a expressão Ceia do Senhor ou Santa Ceia.

Uma segunda pressuposição importante é o grau de interação dos aspectos específicos da comunhão eucarística com o conjunto das questões teológicas e pastorais que marcam o cenário eclesial, incluindo o dado ecumênico. Neste aspecto, seguimos a visão de José Carlos de Souza, que ao analisar a hospitalidade eucarística em uma visão metodista, afirma que

é impossível considerar a Eucaristia isoladamente, ignorando ou passando por alto outros domínios da investigação teológica. Uma teologia eucarística completa só pode ser oferecida no contexto da compreensão acerca de Deus, da Cristologia, da Pneumatologia, da Soteriologia, da Eclesiologia, da Escatologia, e assim por diante. Afinal, a Ceia do Senhor não é um tema teológico entre outros, mas está no coração da vida e da missão da Igreja. Bem mais do que no centro da adoração cristã, a Eucaristia relaciona-se com a origem, o sentido e a razão de ser de nossa fé. Há, por assim dizer, uma dimensão eucarística que perpassa todo pensamento e toda ação que reclamam para si o adjetivo cristão.³

Os aspectos ecumênicos sempre foram uma contraposição fraternalmente crítica das visões de caráter um pouco mais dogmático e restritivo presentes nas igrejas. Não se trata de menosprezar a importância dos infundáveis debates doutrinários sobre a natureza dos elementos da eucaristia. O que as reflexões ecumênicas realçam é que é preciso

... sublinhar mais a importância da refeição eucarística do que a dos alimentos que nela se ingerem. A presença misteriosa de Jesus Cristo, afirmada por nossa fé quando nos aproximamos da Mesa à qual ele nos convida, não é um assunto que possa depender de elementos químicos. Fundamentalmente tem a ver com a existência de uma comunidade que, mediante a participação na solenidade da Ceia, dá a conhecer a sua fé no Senhor Crucificado e Ressuscitado que a convoca a uma

³ SOUZA, José Carlos de. "Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística: uma perspectiva metodista". *Revista de Cultura Teológica*, ano VIII, n. 30, jan/mar 2000, p. 71.

prática militante da esperança do Reino de Deus.⁴

Tais considerações encontram maior ressonância se forem consideradas as experiências eucarísticas no âmbito popular. Em geral, elas revelam outras dimensões que nem sempre são captadas ou bem compreendidas pelas esferas mais formais das vivências eclesiais. O significado da Santa Ceia para as pessoas que vivem na base das igrejas pode ser distinto em relação aos setores pensantes e dirigentes eclesiais. Esta percepção foi ressaltada nas reflexões ecumênicas pelo teólogo Julio de Santa Ana. Para ele,

a Santa Ceia surge como um ato que possui uma grande variedade de sentidos. É comunhão; é lembrança de libertação; é compromisso com o Reino; é expressão de uma comunidade militante; é mistério da presença de Jesus naqueles que crêem; é motivação para a unidade; é alimento e força para nos mantermos dinâmicos na luta exigida pelo desdobramento da missão do povo de Deus. ... É, ao mesmo tempo, sentimento intenso e iluminação da mente; é motivo de obediência a Deus; e convocação ao exercício da esperança. Lamentavelmente, muitas vezes tentamos centrar demasiadamente o sentido da Eucaristia numa só coisa. Quando isso acontece, ainda que a ação seja motivada por razões pastorais e/ou teológicas bem compreensíveis, de fato estamos limitando essa riqueza do ato, essa grandeza de sinais e símbolos que surgem dele. Dessa maneira, deixamos de levar em conta que o povo, ao aproximar-se da Mesa do Senhor, não o faz pensando numa coisa só: o Senhor é tão grande, tão incomensurável para aqueles que nele em fé, que não deve ser limitado.⁵

Essas reflexões revelam a necessidade de que, ao refletirmos sobre o tema da comunhão eucarística e aspectos da Ceia do Senhor, se esteja consciente da relação dele com o conjunto da reflexão teológica e pastoral e, conseqüentemente, das limitações de todas as iniciativas nesta direção, uma vez que elas lidam com a complexidade e a amplitude do pensar teológico.

Uma terceira pressuposição é que as análises sobre hospitalidade eucarística estão, em geral, limitadas aos ambientes cristãos e às questões por eles suscitadas, embora os desafios advindos dos diálogos inter-religiosos,

⁴ SANTA ANA, Julio de. *Pão, Vinho e Amizade*. Rio de Janeiro: CEDI, 1986, p. 10-11.

⁵ SANTA ANA, 1986, p. 8-9.

pela pujança deles, estejam sempre presentes, direta ou indiretamente, nos debates. Há, embora não numerosas, várias reflexões sobre os desafios que a pluralidade religiosa e a aproximação inter-religiosa indicam para o debate sobre hospitalidade eucarística. Uma das mais significativas é encontrada no pensamento do teólogo cristão-sick Indejit Bhogal. Ele destaca a importância da comida e da partilha na religião sick e também ressalta a centralidade da comida no ministério de Jesus. “Toda visita ao Sick Gurdwara (Templo) inclui servir comida (...). Na hora que se come, é claro, se serve. É uma alegria ser um anfitrião e fazer o *sewa* (serviço) de servir comida, de lavar a louça. Comer com os outros tem o efeito de atar, unir, e as refeições oferecem um bom ambiente de conversa”.⁶ Ao mesmo tempo, o autor destaca que “a genialidade de Jesus foi colocar comida, uma refeição, como o centro de sua comunidade”.⁷ Baseado nessas perspectivas inter-religiosas, Bhogal ressalta que

... a visão da comunidade da Igreja parte da imagem da mesa de Deus e do banquete que tem lugar para todas as pessoas, todas as nações e todas as idades. O pano de fundo desta imagem é a convicção de que Deus deseja vida abundante para todos. Diferentemente, o egoísmo humano cria estratégias destrutivas que dão privilégio de lugar à mesa a uns poucos escolhidos e coloca o “resto” debaixo dela para comer as migalhas que caem ao chão ou que são jogadas. Em Jesus, Deus mostra-nos caminhos para acabarmos com essas estratégias, de forma que todos possam sentar e comer juntos numa mesma mesa.⁸

Portanto, embora não estejamos desenvolvendo, neste trabalho, devidos aos seus limites, um aprofundamento detalhado desses dois últimos pressupostos, consideramos que eles precisam tangenciar crítica e permanentemente as reflexões ecumênicas sobre as práticas eucarísticas. Nesse sentido, realçamos (i) a importância de se dar atenção às variadas expressões usualmente utilizadas para se referir à celebração eucarística, (ii) uma visão teológica global que faça interagir os aspectos específicos, tanto

⁶ BHOGAL, Inderjit. *Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007, p. 53.

⁷ BHOGAL, 2007, p. 55.

⁸ BHOGAL, 2007, p. 51.

teológicos quanto práticos, da comunhão eucarística com o conjunto das questões teológicas, pastorais e missionárias que marcam as pautas e preocupações eclesiais, e (iii) estar atentos aos desafios que a pluralidade religiosa, e sobretudo os diálogos e as formas de cooperação inter-religiosas, apontam para as práticas e as reflexões sobre a hospitalidade eucarística.

Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé

Diante das vantagens e desvantagens de focar as nossas reflexões em torno dos documentos ecumênicos que ressaltam os aspectos cruciais da hospitalidade eucarística, e das possibilidades e limites de nossa pesquisa, enfatizaremos nesta análise o trabalho que teve início no contexto das atividades da Comissão de Fé e Ordem, do Conselho Mundial de Igrejas, ao longo de muitas décadas do século 20 e que desembocou nos anos de 1980 no conhecido “Documento de Lima” (1982) chamado *Batismo, Eucaristia e Ministério* (= *BEM*). O *BEM* será enfatizado nesta análise, pela sua importância e atualidade. Ele é, como já referido, fruto dos esforços ecumênicos da Comissão de Fé e Ordem,

cuja origem antecede a do próprio CMI, [e] desde sua constituição tem desprendido um intenso, paciente e profícuo trabalho de reflexão teológica com o objetivo de buscar as convergências capazes de eliminar barreiras ideológico-doutrinárias que, a despeito de suas intenções mais fraternas, tem mantido os cristãos separados em suas práticas eclesiais. Seu tema permanente é a unidade da Igreja de Cristo, unidade que precisa ser construída na história de modo a fazer da Igreja sinal autêntico do Reino já anunciado.⁹

O propósito fundamental da Comissão de Fé e Ordem é “servir as igrejas que chamam umas as outras à unidade visível em uma só fé e uma só comunhão eucarística, expressa no culto e na vida comum em Cristo por meio do testemunho e do serviço ao mundo, e avançar rumo a essa unidade para

⁹ MOTTA DIAS, Zwinglio. “Apresentação”. In: CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3ª. ed., 2001, p. 13.

que o mundo creia”.¹⁰ O trabalho desta Comissão, desde a sua primeira conferência em Lausane, na Suíça, em 1927, concentra-se nos esforços de ultrapassarem as divisões doutrinárias sobre três temas sensíveis do diálogo ecumênico: o batismo, a eucaristia e o ministério.¹¹

O conjunto de reflexões ecumênicas em torno das questões eucarísticas, analisado e aprofundado por inúmeras consultas e reações das igrejas, reforçado pelas iniciativas e acordos bilaterais e multilaterais entre vários ramos confessionais, gerou o *BEM*. Ele é um marco para o movimento ecumênico mundial, aborda questões centrais para a vida das igrejas cristãs como a eucarística, por exemplo, aliando a profundidade na reflexão teológica e o ideal ecumênico de convergências na fé cristã. É um dos textos ecumênicos mais publicados e divulgados em todo o mundo e provocou respostas de diversas igrejas e ajudou a construir comunhão em campos bastante sensíveis da vida cristã.¹²

No Brasil, o *BEM* foi acolhido pelas igrejas no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, o que gerou boas perspectivas ecumênicas uma vez que a Igreja Católica Romana o integra. Na oportunidade, o Documento foi compreendido como resposta às mudanças nas igrejas e na sociedade:

Vivemos num momento crucial na história da humanidade. No seu caminhar para a unidade, as Igrejas interrogam-se acerca da relação existente entre as suas compreensões e práticas do batismo, da eucaristia e do ministério, e a sua missão na e para a renovação da comunidade humana, ao procurarem promover a justiça, a paz e a reconciliação.¹³

Em termos do diálogo ecumênico entre as igrejas cristãs, o documento *Batismo, Eucaristia, Ministério* é o de maior relevância e densidade e se mantém atual mesmo com quatro décadas desde a sua aprovação pelas

¹⁰ “Estatutos”, 2012. Disponível em <https://www.oikoumene.org/pt/documentos> Acesso em 21/9/2020.

¹¹ Um resumo dos principais processos, conferências e eventos para reflexão e aprofundamento dos materiais que culminaram na elaboração e aprovação do BEM em 1982 pode ser encontrado no prefácio do Documento, nas páginas 16-18. CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3^a. ed., 2001.

¹² No que se refere à reação das igrejas, ver *Baptism, Eucharist & Ministry 1982 - 1990 - Report on the Process and Responses*. Genebra, WCC Publications, 1990.

¹³ CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3^a. ed., 2001, p. 17.

igrejas. Em sua apresentação, há perspectivas ecumênicas institucionais bem determinadas, a começar por um dos elementos mais sensíveis no tocante à hospitalidade eucarística, que é o diálogo católico-evangélico. O documento é apresentado pelo Bispo Católico Romano, D. Ivo Losrscheiter, na época presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC. Para ele,

Trata-se de um documento de importância singular na construção da plena comunhão dos cristãos. Na sua elaboração participaram teólogos das mais variadas tradições eclesiais, como a anglicana, a católica-romana, a luterana, a metodista, a ortodoxa, a reformada. O consenso a que eles chegaram, até na indicação das dificuldades e divergências ainda existentes, é certamente um passo quase decisivo para os ideais ecumênicos. Por isso, o Relatório foi enviado às diversas Igrejas pelo Conselho Mundial de Igrejas e pelo Secretariado Romano para a União dos Cristãos, para que elas manifestem a sua posição oficial a respeito.¹⁴

Em direção similar, Jether Pereira Ramalho, liderança evangélica de destaque no cenário ecumênico, também ao apresentar o Documento afirma que

Já é possível debaterem-se [nas igrejas], sem traumas e sectarismos, temas vitais da doutrina cristã tais como o batismo, a eucaristia e o ministério. Durante séculos, os principais fatores de desunião do Corpo de Cristo foram as tradições teológicas e as diferenças de organização institucional. Quando se iniciou o Movimento de Vida e Ação, em Estocolmo (1925), o lema era “A doutrina divide, mas o serviço une”. Mas, para o avanço do movimento ecumênico, missões, doutrinas, serviço devem juntos ser alvo de aproximação e diálogo. E estamos chegando a esse ponto. Com dificuldades, mas com avanço. O sopro do Espírito Santo bate forte e constante apelando para que a oração sacerdotal de Cristo, cada vez mais, seja atendida. E ouvidos e corações estão sendo sensíveis à sua voz.¹⁵

O *BEM* é dividido em três partes, uma para cada um dos temas em questão. A parte referente à eucaristia, que nos interessa mais de perto nesta análise, é também dividida em três itens: a instituição, o significado e a celebração da eucaristia, apresentados em trinta e três proposições, algumas

¹⁴ LORSCHETER, Ivo. “Apresentação”. In: CMI, 2001, p. 11.

¹⁵ RAMALHO, Jether Pereira. “Apresentação à Segunda Edição”. In: CMI, 2001, p. 9.

delas com comentários que indicam diferenças históricas ultrapassadas ou pontos controversos que exigem aprofundamento e esforços de reconciliação. O terceiro item apresenta aspectos ecumênicos práticos como os elementos que historicamente são aceitos na liturgia eucarística, realçando a variedade de importância nas diferentes Igrejas, os aspectos relativos à presidência da mesa eucarística¹⁶ e sobre o consumo e a guarda dos elementos eucarísticos após as celebrações.

Nossa intenção, com a leitura deste Documento, em especial a parte relativa à eucaristia, não é sintetizá-la, pois esse seria um esforço inadequado, uma vez que ela já é uma síntese das questões ecumênicas em torno do tema. Desejamos apenas enfatizar alguns aspectos do texto, como incentivo à leitura em sua totalidade. No tocante à instituição da eucaristia, destacando a afirmação de que ela, para os cristãos, é ...

... prefigurada pelo memorial do livramento, na Páscoa de Israel, libertação do país, da servidão; e pela refeição da Aliança no Monte Sinai (Ex 24). Ela é a nova refeição pascal da Igreja, a refeição da Nova Aliança que Cristo deu aos seus discípulos como memorial (anamnesis) da sua morte e da sua ressurreição, como a antecipação do banquete do Cordeiro (Ap 19.9); Cristo ordenou aos seus discípulos que fizessem memória dele, encontrando-o, assim, nesta refeição sacramental como o povo de Deus peregrino, até à sua volta.¹⁷

Em relação à significação da eucaristia, o destaque é que, embora ela seja e precise ser considerada como um todo, ela no Documento é vista sob diferentes aspectos, a saber: como ação de graças ao Pai, como “anamnese” ou memorial de Cristo, como invocação do Espírito, como comunhão dos fiéis e como refeição do Reino. São aspectos integrados e que marcam o significado da santa ceia.

Nos debates ecumênicos, é bastante comum certo destaque para o

¹⁶ “Na celebração da eucaristia, Cristo congrega, ensina e alimenta a Igreja. É Cristo quem convida à refeição e a ela preside. Ele é o pastor que conduz o Povo de Deus, o Profeta que anuncia a Palavra de Deus, o Sacerdote que celebra o Ministério de Deus. Na maior parte das Igrejas, esta presidência de Cristo tem por sinal a de um ministro ordenado. Quem preside à celebração eucarística em nome de Cristo, manifesta que a assembleia não é a proprietária do gesto que cumpre, que ela não é a dona da eucaristia: ela recebe-a como um dom do Cristo vivo na sua Igreja. O ministro da eucaristia é o enviado da comunidade local com as outras comunidades da Igreja universal”. (CMI, 2001, p. 43-44).

¹⁷ CMI, 2001, p. 34.

aspecto da eucaristia como anamnese ou memorial de Cristo. “O memorial no qual Cristo age através da celebração jubilosa da sua Igreja, é pois simultaneamente representação e antecipação. O memorial não é somente uma lembrança do passado ou da sua significação; é a proclamação eficaz feita pela Igreja da grande obra de Deus e das suas promessas”.¹⁸ O Documento enfatiza em seus comentários que

muitas Igrejas crêem que, pelas palavras de Deus e pelo poder do Espírito Santo, o pão e o vinho da eucaristia se tornam, de uma maneira real e no mistério, o corpo e o sangue de Cristo ressuscitado, isto é, do Cristo vivo presente em toda a sua plenitude. Sob os sinais do pão e do vinho, a realidade profunda é o ser total de Cristo, que vem a nós para nos alimentar e transformar todo o nosso ser. Outras Igrejas, embora afirmando a presença real de Cristo na eucaristia, não vinculam essa presença de um modo tão definido aos sinais do pão e do vinho. As igrejas deverão decidir se essa diferença pode coexistir com a convergência formulada no próprio texto [do BEM].¹⁹

A Santa Ceia como invocação do Espírito realça a dimensão mística e misteriosa deste ato de fé comunitária. Não se trata de espiritualização indevida, nem de desfocar a objetividade da dimensão cristológica expressa no memorial a ser celebrado. Trata-se, sobretudo, de afirmação trinitária, na qual as relações amorosas entre Pai e Filho se efetuem, as palavras de Cristo são atualizadas e vivificadas, o Reino de Deus expresso na justiça, na paz e na integridade da criação é experimentado e a comunidade é conduzida pela verdade, pela justiça e pela unidade, tendo em vista o cumprimento da missão no mundo. “É em virtude da palavra viva de Cristo, e pelo poder do Espírito Santo, que pão e vinho se tornam os sinais sacramentais do corpo e sangue de Cristo. Eles assim permanecem para o propósito da comunhão”.²⁰

A Santa Ceia como espaço de comunhão dos fiéis abarca, do ponto de vista teológico, todos os espaços da vida. É fato que as formas de sacramentalismos, moralismos, sacrificialismos, institucionalismos e formalismos diversos, em geral, impedem ou atenuam as dimensões de

¹⁸ CMI, 2001, p. 36.

¹⁹ CMI, 2001, p. 37-38.

²⁰ CMI, 2001, p. 39.

partilha, de reconciliação e de sinalização do Reino de Deus no mundo próprias da comunhão eucarística. “Quando partilhamos o corpo e o sangue de Cristo, há um desafio radical que é lançado a todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de ausência de liberdade. Através da eucaristia, a graça de Deus, que renova tudo, penetra e restaura a pessoa humana em sua dignidade”.²¹

A comunhão eucarística é possível?

Os aspectos teológicos e pastorais do *BEM* foram e têm sido debatidos nas Igrejas que valorizam, com maior ou menor intensidade, a dimensão ecumênica. Nos diálogos bilaterais que envolvem a Igreja Católica-Romana e a Igreja Luterana, por exemplo, há um material com boa consistência e densidade que apresenta considerações decorrentes da prática ecumênica em relação à hospitalidade eucarística. Trata-se de *A Comunhão Eucarística é Possível*,²² um estudo desenvolvido pelo Centro de Estudos Ecumênicos, de Estrasburgo, pelo Instituto de Pesquisa Ecumênica, de Tübingen, e pelo Instituto de Estudo das Confissões, de Bensheim. As reflexões ecumênicas contidas neste Documento foram engendradas no contexto europeu. No entanto, a maior parte de suas indicações possui correspondência com o universo teológico-pastoral do movimento ecumênico brasileiro.

O Documento está estruturado a partir de teses sobre a hospitalidade eucarística. Elas estão voltadas especialmente para os grupos que já possuem certa convivência e cooperação ecumênica, mas ainda encontram restrições por parte das Igrejas para a comunhão eucarística. As teses

... visam documentar e fundamentar que a hospitalidade eucarística nos moldes de um convite aberto a pessoas cristãs de outra confissão para participar na comunhão de Ceia com Cristo é possível e, em muitos casos, até imperativo, apesar das diferenças que persistem na compreensão teológica e na prática das igrejas. Não se deve vedar essa hospitalidade

²¹ CMI, 2001, p. 40.

²² CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS; INSTITUTO DE PESQUISA ACADÊMICA; INSTITUTO DE ESTUDOS DAS CONFISSÕES, eds, 2006. *A Comunhão Eucarística é Possível*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2006.

aberta a pessoas cristãs que, com base em sua convivência ecumênica já vivenciada, sentem a necessidade espiritual de ter comunhão de Ceia à mesa do Senhor com crentes de outras igrejas.²³

As próprias formulações das teses nos permitem, pelos seus enunciados, uma compreensão panorâmica dos temas e questões tratadas no Documento. Ao reproduzi-las abaixo em forma de texto, temos a intenção de situar o debate e, ao mesmo tempo, mostrar como alguns círculos avançam na prática da hospitalidade eucarística, tendo como referência as situações concretas que emergem da prática ecumênica das Igrejas, consideradas a partir dos diálogos teológicos que as acompanharam nas décadas anteriores.

Devido à pressuposição do avanço das experiências ecumênicas e da riqueza das práticas de cooperação e trabalho conjunto em diferentes frentes, há, na argumentação das teses, uma peculiar inversão: “O que carece de fundamentação não é a admissão de cristãos batizados à Santa Ceia comum, e sim sua recusa” (tese 1). Dessa forma, explicita-se que “a comunhão ecumênica vivida em nível local e a falta de comunhão na Santa Ceia se contradizem. Isso enfraquece o testemunho do qual as igrejas estão incumbidas e faz com que percam credibilidade face aos desafios sociais” (tese 2). O fato é que “em numerosos casos excepcionais se permite, já hoje, a indivíduos a comunhão eucarística” (tese 3). Não obstante isso, “o Batismo é a porta para a comunhão da igreja, o corpo de Cristo, que é constituída de maneira nova a cada ocasião na Santa Ceia” (tese 4).

“Jesus Cristo convida para a Santa Ceia. Ele é o doador e a dádiva. Unicamente em seu nome e por sua incumbência a igreja profere o convite. Isso não pode acontecer indiscriminadamente, mas precisa corresponder à vontade de Jesus Cristo” (tese 5). Por essa e pelas demais razões, “a comunhão eucarística tem um alcance mais amplo do que a comunhão eclesiástica” (tese 6). Essa perspectiva é reforçada por inúmeras afirmações teológicas. Inderjit Bhoghal, por exemplo, mostra que Jesus, por realçar a centralidade da comida em seu ministério...

²³ CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS; INSTITUTO DE PESQUISA ACADÊMICA; INSTITUTO DE ESTUDOS DAS CONFISSÕES, eds, 2006, p. 9.

... comeu com qualquer pessoa que quisesse comer com ele. Essa sua atitude e práxis no cotidiano representaram uma subversão radical de algumas tradições ao redor dele. Jesus estava consciente das regras em vigor sobre o que se poderia comer e o que não se poderia; com quem se poderia comer e com quem não se poderia comer. Comer com forasteiros poderia corromper ou contaminar; comer com os considerados sujos ou impuros, ou pecadores, ou forasteiros poderia poluir. Ao comer com coletores de impostos, publicanos, prostitutas, forasteiros e aqueles que poderiam traí-lo, Jesus foi mostrado como quem quebra barreiras, estratégias divisórias, erguidas e criadas por pessoas. Se em Jesus nós vemos como Deus é, Jesus revela um Deus da hospitalidade que é inclusivo e abraço a todos.²⁴

As bases teológico-pastorais do Documento desdobram-se na tese de que “a Igreja vive, como comunhão, na pregação, no culto e no serviço ao mundo. A comunhão eclesial pressupõe essas vivências e uma compreensão básica comum, mas não uma configuração histórica” (tese 7). Nesse sentido, as vivências básicas de koinonia, liturgia e diaconia podem ser distintas das configurações confessionais e eclesialísticas, pois essas possuem uma diversidade legítima, mas não podem estar ausentes delas.

Tais vivências criam as condições para uma coesão do testemunho de fé das diversas igrejas e, ao mesmo tempo, a compreensão de que “noções distintas do testemunho eclesialístico e da interpretação compromissiva da fé comum em Jesus Cristo como salvação do mundo não precisam causar divisão das igrejas” (tese 7.1). Também em relação à “coesão na compreensão da Santa Ceia: os diálogos ecumênicos levaram a uma ampla concordância nos temas tradicionalmente controvertidos na compreensão da Santa Ceia. Por isso, diferenças ainda existentes não impedem uma celebração conjunta da Santa Ceia” (tese 7.2). Um terceiro aspecto está relacionado à “coesão na compreensão de ministério. Apesar de ainda continuar havendo discrepâncias na questão do ministério, atualmente se alcançou uma aproximação nos elementos fundamentais que possibilita a hospitalidade eucarística” (tese 7.3). Esse quadro argumentativo fundamenta a “coesão no serviço ao mundo: e diaconia, a comunhão e a Santa Ceia se condicionam mutuamente” (tese

²⁴ BHOGAL, 2007, p. 53-54.

7.4).

As teses apresentadas, mais do que serem balizadoras dos consensos, representam uma base argumentativa para que se avance na prática ecumênica eucarística. “A concessão de hospitalidade eucarística encontra uma base teológica suficiente nos resultados já disponíveis das comissões de diálogo ecumênico”. Trata-se, portanto, de implementá-los na prática. “A hospitalidade eucarística é possível sem que se precise alcançar antes uma concordância completa na compreensão de Eucaristia, bem como de ministério e igreja”.²⁵

Posteriormente, a Comissão de Fé e Ordem, do CMI, fez outro esforço de convergência ecumênica das questões eclesiológicas suscitadas pelo texto de estudo “Um Só Batismo: A Caminho do Reconhecimento Mútuo”, de 2011, que tinha como referência as respostas das igrejas em relação ao processo do *BEM*. Durante duas décadas representantes oficiais das igrejas ortodoxas, protestantes, anglicanas, evangélicas, pentecostais e católica romana trabalharam juntos em uma Conferência Mundial de Fé e Ordem (1993), em três reuniões plenárias desta mesma Comissão de Fé e Ordem (1996, 2004, 2009), além de inúmeras reuniões do comitê permanente da Comissão. O resultado foi o texto *A Igreja: Uma Visão Ecumênica* (2013), cuja declaração comum - ou de convergência - versa sobre eclesiologia. No tocante à eucaristia, o Documento resume da seguinte maneira o progresso nos acordos atestados nos diálogos ecumênicos:

Existe uma relação profunda e dinâmica entre o batismo e a eucaristia. Ao passar pela iniciação, o cristão passa a fazer parte da comunhão. Essa comunhão é alimentada na eucaristia e chega, nela, à sua expressão mais plena. A eucaristia reafirma a fé batismal e transmite a graça necessária a uma vida vivida como resposta à vocação cristã. (...). A Ceia do Senhor é a celebração em que, reunidos à sua mesa, os Cristãos recebem o corpo e o sangue de Cristo. A Ceia do Senhor é proclamação do Evangelho, glorificação do Pai pelos seus feitos na criação, redenção e santificação (doxologia); ela é memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo e do que foi cumprido uma vez por todas na cruz (anamnesis); ela é

²⁵ CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS; INSTITUTO DE PESQUISA ACADÊMICA; INSTITUTO DE ESTUDOS DAS CONFISSÕES, eds, 2006, p. 74.

invocação do Espírito Santo para que o Espírito transforme tanto os elementos pão e vinho quanto os que os recebem (epiclesis). A Ceia inclui intercessão pelas necessidades da Igreja e do mundo. A comunhão dos fiéis, que é antecipação e primícia do reino vindouro, torna-se mais profunda e os motiva a sair para participar da missão de Cristo que inaugura o reino agora. São Paulo enfatiza a relação entre a Ceia do Senhor e a vida da Igreja (I Co 10:16-17; 11:17-33).²⁶

O reconhecimento do valor dos sacramentos – dentro da tradição protestante: o Batismo e a Eucaristia – está associado à Palavra de Deus. Eles, como meios de graça, representam de maneira objetiva a graça de Cristo que confere o perdão dos pecados humanos. O poder sacramental é exclusivo de Deus que, por meio de sua Palavra, dá vida aos sinais externos de água, pão e vinho, evitando, assim, formas de instrumentalização ou de idolatria dos sacramentos.

Não obstante as diferentes compreensões teológicas, os sacramentos são compreendidos como ordenança bíblica, fonte de renovação da fé, e experiência vital, que não podem se tornar sacramentalismo, sacrificalismo ou moralismo. A eucaristia, como sacramento do Evangelho, é expressão plena do amor do Pai revelado em Jesus Cristo pelo poder do Espírito Santo. Por intermédio dela, Deus introduz o povo, aqui e agora, em seu amor perdoador e gracioso. Na Ceia do Senhor, a comunidade celebra a presença real do Cristo, verdadeiro celebrante, que atualiza, pela mediação do Espírito Santo, a obra do Reino na vida humana. Por meio da celebração, o Senhor comunica a sua graça e motiva a unidade, a partilha, a solidariedade e o exercício da doação humana.

O teólogo Marcelo Barros ressalta que

A eucaristia é o momento de partilhar a Palavra e o pão, como é também de partilhar a vida, denunciar as injustiças e tomar posição firme pela justiça do reino. Por isso, a dimensão libertadora da celebração não consiste apenas em uma homilia profética corajosa, mas sim em uma participação igualitária em toda a celebração. É importante o fato de que o Evangelho

²⁶ CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS), Comissão de Fé e Ordem. *A Igreja: uma visão ecumênica*. Genebra-Suíça, CMI, 2013. Disponível em <https://www.oikoumene.org/pt/documentos/a-igreja-uma-visao-ecumenica> Acesso em 18/9/2020.

seja lido em todas as suas dimensões. É necessário que a Igreja se ponha do lado dos pequeninos. A eucaristia deve ser semente de um mundo e uma Igreja mais igualitários.²⁷

A celebração da Ceia vista como meio de graça demonstra, de forma mais efetiva, o seu caráter acolhedor e inclusivo. Ela não é um privilégio para alguns, mas um momento – aberto a todos que anseiam o favor divino – de perdão, adoção e recepção da comunhão com Deus e, conseqüentemente, entre irmãos e irmãs. Se o processo eclesial não articular as suas bases para que as mesmas estejam formadas no amor, a Igreja se tornará vazia de sentido, excludente e alienada de sua real prática de fé. A celebração da eucaristia traz ao povo referência do passado (a vida e a morte de Jesus Cristo), do presente (como a participação eclesial de todas as pessoas no Espírito) e do futuro (como poder vislumbrar o sonho escatológico de justiça já evidenciado no ato criador do Pai).

Considerações finais

Nossas reflexões se centraram nos acordos ecumênicos em torno da prática eucarística. No entanto, para mostrar a potencialidade do tema, apresentamos primeiramente possibilidades de caminhos para se refletir sobre ele, sobretudo que pudessem revelar o universo plural das igrejas e das espiritualidades que marcam a sociedade hoje. Essa é uma tarefa que julgamos ser necessária em próximos passos de pesquisa.

Um segundo aspecto abordado foram algumas interpelações teológicas ecumênicas para o tema da hospitalidade eucarística. Como exemplo destacamos: (i) o cuidado que se deve ter em relação às diversas expressões usualmente utilizadas nas diferentes igrejas para se referir à celebração eucarística, como o Partir do pão, Eucaristia, Mesa do Senhor, Sacramento, Comunhão, Santa Ceia, Ceia do Senhor, Missa, entre outros (ii) a importância de uma visão teológica global que articule os aspectos conceituais e práticos específicos da comunhão eucarística com o conjunto de questões teológicas,

²⁷ BARROS, Marcelo. “A Ceia da Vida: Eucaristia na vida das Cebes na América Latina e no Caribe”. *Misiones Extranjeras*, número especial. Madrid, julho de 2005, p. 12.

pastorais e missionárias que marcam os contextos eclesiais e (iii) a atenção às questões e aos desafios para a hospitalidade eucarística oriundos das crescentes experiências de diálogo e cooperação inter-religiosa.

A análise se centrou na descrição do conhecido Documento ecumênico *Batismo, Eucaristia e Ministério*, do Conselho Mundial de Igrejas, acolhido no Brasil pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, em especial pela sua atualidade e pela importância do processo ecumênico no qual foi engendrado. Nele vemos que a Santa Ceia é o espaço de comunhão dos fiéis que abarca do ponto de vista teológico e pastoral todos os espaços da vida. As marcas de sacramentalismos, moralismos, institucionalismos, visões sacrificiais e formalismos, em geral, não favorecem as dimensões de partilha, de reconciliação e de sinalização do Reino de Deus no mundo próprias da comunhão eucarística. Daí a importância de acordos ecumênicos como este. Quando se partilha o corpo e o sangue de Cristo, desafios enormes surgem como o questionamento a todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de ausência de liberdade. Por intermédio da eucaristia, a graça de Deus penetra e restaura a vida humana em sua dignidade.

Como toda prática ecumênica, as reflexões sobre a Santa Ceia e a hospitalidade eucarística requerem processos de renovação a partir de uma "volta às fontes". Um caminho promissor é a retomada a tradição bíblica dos Evangelhos e do Novo Testamento em geral, evitando as interpretações anacrônicas e fundamentalistas.

As expressões criativas de Inderjit Bhogal sobre o foco na Mesa cristã como possibilidade de renovação evangélica nos servem de provocação:

Imagine só o que poderia acontecer se colocássemos comida no centro do que é para ser igreja e comunidade cristã. Sim, há perigos por causa do egoísmo e da gula - e a Igreja primitiva logo se tornou consciente disso. Mas, a vida da igreja, a liturgia, o ministério, a missão, a eclesiologia, a arquitetura dos prédios e tudo o mais seriam radicalmente desafiados e transformados se trouxéssemos a mesa para o centro. As conversas da igreja normalmente enfatizam as cadeiras e os bancos. O que podemos fazer com os bancos? Como podemos arrumar as cadeiras? Quem vai presidir a reunião? À medida em que buscamos o que é igreja no século XXI não precisamos pensar em evocar alguma nova e original

forma de ser igreja. Precisamos obedecer ao único mandamento litúrgico de Jesus: coloque comida e mesa no centro.²⁸

Referências

- BARROS, Marcelo. “A Ceia da Vida: Eucaristia na vida das Cebs na América Latina e no Caribe”. *Misiones Extranjeras*, número especial. Madrid-Espanha, julho de 2005, p. 12-17.
- BHOGAL, Inderjit. *Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.
- CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS; INSTITUTO DE PESQUISA ACADÊMICA; INSTITUTO DE ESTUDOS DAS CONFISSÕES, eds. *A Comunhão Eucarística é Possível: teses sobre hospitalidade eucarística*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2006.
- CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3ª. ed., 2001.
- CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Baptism, Eucharist & Ministry 1982 - 1990 - Report on the Process and Responses*. Genebra, WCC Publications, 1990.
- CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS), Comissão de Fé e Ordem. *A Igreja: uma visão ecumênica*. Genebra-Suíça, CMI, 2013. Disponível em <https://www.oikoumene.org/pt/documentos/a-igreja-uma-visao-ecumenica> Acesso em 18/9/2020.
- CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS), Comissão de Fé e Ordem. “Estatutos”, 2012. Disponível em <https://www.oikoumene.org/pt/documentos> Acesso em 21/9/2020.
- DALFERTH, Silfredo B. “Eucaristia” (p. 399-403). In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- LORSCHTEITER, Ivo. “Apresentação”. In: CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). *Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé*. Brasília: Conic, Rio de

²⁸ BHOGAL, 2007, p. 56.

Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3^a. ed., 2001, p. 11.

MOTTA DIAS, Zwinglio. “Apresentação”. In: CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3^a. ed., 2001, p. 13.

RAMALHO, Jether Pereira. “Apresentação à Segunda Edição”. In: CMI (CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS). Batismo, Eucaristia, Ministério: convergência da fé. Brasília: Conic, Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 3^a. ed., 2001.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; TOSTES, Angélica. Religião, Múltipla pertença e Diálogo. São Paulo: Annablume, 2019.

SANTA ANA, Julio de. Pão, Vinho e Amizade. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

SOUZA, José Carlos de. “Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística: uma perspectiva metodista”. Revista de Cultura Teológica, ano VIII, n. 30, jan/mar 2000, p. 71-88.

Trabalho submetido em 27/09/2020.

Aceito em 09/11/2020.

Claudio de Oliveira Ribeiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: cdeoliveiraribeiro@gmail.com